

Nome e apelido: José Adelino dos Santos "O José Quilão" N.º 16.390

Estado: Alentejo Profissão: Trabalhador

Naturalidade: Vilão de Escoural Data do nascimento: 23-X-1912

Filiação: Adelino dos Santos e Maria Augusta

Residência: Quinta do Regadio, Montemor-o-Novo

Outras indicações: *Tomar do Sul, 31.ª freguesia - Montemor-o-Novo*

Número do processo ou valores ou documentos apreendidos: *Apelo n.º 835/49*

Biografia Prisional: *Apelo n.º 735/6*

Vindo de Montemor-o-Novo, deu entrada nesta Direcção em 31-8-1945, para averiguações, tendo recebido, ao Depósito de Ferro de Caxias (p.s. 152), Restituição à liberdade condicional em 29-8-1945 (p.s. 143). Passou em sua prisão em Montemor-o-Novo em 8-7-1946, para averiguações, tendo cada entrada nesta Direcção em 9-7-1946, e recolhido ao Depósito de Ferro de Caxias (p.s. 112/46). Manifestou-se para a Associação em 7-7-1949 (p.s. 19/49). Manifestou-se para a Câmara de Alfaiate em 6-7-1948 (p.s. 187/48). Manifestou-se para o Depósito de Ferro de Caxias em 19-7-1949 (p.s. 202/49). Foi a Comissão de Sentença Criminal de Lisboa em 27-9-1949 (p.s. 271/49). Julgado no Tribunal Criminal Criminal de Lisboa, em 25-2-1950, tendo sido condenado, na pena de 20 meses de prisão correccional, na suspensão dos Direitos políticos por 3 anos, no imposto de justiça de 1.000\$00, acrescido com as multas e percentagens legais e suspensas a medida de segurança estabelecida no art.º 1.º do Decreto n.º 37.447 - "Comunicação do S.C.V. em 11-3-1950 - Antegues na Cadeia do Forte de Peniche, em 16-3-1950, para cumprir o prazo de pena (p.s. 77/1950). Anula a comunicação de sentença Criminal de Lisboa em 11-11-1951, de 1-11-1950, por erro de facto e annulla 9-11-1951, distando 97 dias de duas comunicações, annullando a pena em 28-1-1952, pelo que volta a ser sujeito de averiguações que lhe são impostas. Anula a comunicação de sentença Criminal de Lisboa em 11-11-1951, de 1-11-1950, por erro de facto e annulla 9-11-1951, distando 97 dias de duas comunicações, annullando a pena em 28-1-1952, pelo que volta a ser sujeito de averiguações que lhe são impostas.

Altura: 1m 65.0 - 1.66

Côr: Pardo

Sinais particulares: E um pouco calvo

Nacionalidade: Português

*deu a table de justiça, em 1951, de 15-11-1951, foi comunicado em 2-1-1952, para a Cadeia Criminal de Lisboa. Quando a comunicação da Cadeia do Forte de Peniche em 1951 n.º 1158/51 de 27-11-1950, deu a sua entrada em 26-11-1950. Restituido a liberdade condicional em 25-11-1951. Officio n.º 1222 de 19-11-1951 do 1.º Juizo Criminal de Lisboa. Restituido a liberdade definitiva, por despacho de 5-8-1956. Officio n.º 710 de 8 de Agosto de 1956 do 1.º Juizo Criminal de Lisboa.*

José Adelino dos Santos (Santiago do Escoural, Montemor-o-Novo, 25-10-1912 - Montemor-o-Novo, 23-06-1958)

José Adelino dos Santos nasceu na freguesia de Santiago do Escoural, em Montemor-o-Novo. Filho de trabalhadores rurais seguiu a atividade dos pais, exercendo as funções de manajeiro. No início da década de 40 aderiu ao Partido Comunista Português (PCP). Destacou-se na organização do partido em Montemor-o-Novo, na divulgação de imprensa clandestina, em atividades culturais, em ações reivindicativas pela subida de salários e melhorias das condições de vida e no apoio a familiares de presos políticos. Foi preso, pela primeira vez, em 1945 e esteve três meses nas prisões do Aljube e de Caxias. Voltou a estas duas prisões quando foi novamente detido em julho de 1949. Julgado em fevereiro de 1950, foi condenado a vinte meses de prisão em Peniche. No entanto, por terem sido aplicadas medidas de segurança, ficou em liberdade condicional até 2 de agosto de 1956.

José Adelino morreu em junho de 1958 na sequência de uma manifestação, da qual fora um dos organizadores, contra a fraude eleitoral, que tivera lugar semanas antes, e contra o custo de vida, em que eram ainda reivindicados melhores salários. Foi atingido na nuca por um tiro disparado da varanda do edifício da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, quando se contava entre os manifestantes que clamavam "Queremos trabalho e pão".

O funeral, apesar da vigilância policial, teve grande participação popular e constituiu-se como ocasião de protesto contra a ditadura.